

CIBERESPAÇO UM NOVO MARCO FILOSÓFICO, PORÉM VELHOS DESAFIOS PARA A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO MÉDIO

Luana Oliveira de Carvalho ¹

RESUMO

O ciberespaço representa um novo marco filosófico, trazendo consigo oportunidades inéditas, assim como, velhos desafios para a atuação docente no Ensino Médio. A utilização da expressão "Novo marco filosófico" indica que o ciberespaço traz consigo uma mudança essencial na maneira como se ensina os princípios fundamentais da Filosofia. Pretende-se com a comunicação, socializar as reflexões e sistematizações feitas em torno das experiências como docente da Rede Estadual de Ensino da Bahia, fomentando debates acerca da conexão entre o Ensino de Filosofia e o Ciberespaço na perspectiva docente. O relato surge das preocupações e discussões decorrentes dos desafios enfrentados pela autora enquanto docente, nos últimos treze anos em exercício no Ensino Médio Regular da Rede Pública Estadual. Período que abrangeu transformações sociais e educacionais cruciais, como: a inserção das tecnologias digitais no cenário educacional, as repercussões da pandemia de Covid-19 e a implementação do Novo Ensino Médio, que impactaram drasticamente o cenário educacional brasileiro. Ressaltam-se tanto os impactos positivos quanto negativos sobre a prática docente, especialmente em termos de metodologias que precisam ser analisadas e integradas como parte do aprendizado e desenvolvimento profissional docente, proporcionando-lhes ferramentas e recursos para aperfeiçoar suas habilidades e estratégias de Ensino, resultando em melhorias na Educação Pública. Entre os pontos positivos a utilização de recursos como: plataformas online, bibliotecas digitais e ferramentas interativas, quanto negativos, as dificuldades especialmente no que se refere ao porte e domínio das Tecnologias Digitais e ao desenvolvimento de metodologias que envolvam os (as) estudantes. Portanto, a temática apresenta desafios tanto antigos quanto novos, exigindo dos (as) docentes uma constante adaptação e inovação. Esta produção tem o potencial não apenas de impactar positivamente a prática educacional, como também, contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico, tendo em vista a preparação dos(as) estudantes para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, que demandam habilidades e competências diversas.

Palavras-chave: Ciberespaço, Filosofia, Metodologias, Docentes.

INTRODUÇÃO

O ciberespaço emerge como um dos mais significativos marcos filosóficos contemporâneos, alterando profundamente o cenário educacional. No alvorecer do século digital, o ciberespaço não é apenas um conceito técnico; ele se apresenta como um vasto campo de possibilidades e desafios filosóficos. Imagine um universo onde o físico e o virtual se entrelaçam, onde a linha entre o conhecimento tradicional e o digital se torna

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do oeste da Bahia - UFOB, luana7oliveira16@gmail.com

cada vez mais tênue. É neste cenário, repleto de complexidade e oportunidades, que nós, docentes de Filosofia, somos convidados a reimaginar nossas práticas pedagógicas. Como se estivéssemos em um novo continente, desbravamos o ciberespaço, mapeando suas fronteiras desconhecidas e explorando as novas formas de ensinar e aprender.

Neste contexto, o filósofo francês Pierre Lévy (1998, p.104), nos convida a ver o ciberespaço não apenas como uma ferramenta, mas como um ambiente social dinâmico, onde ideias se encontram, colidem e evoluem. Para ele o ciberespaço refere-se ao "universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural". O autor destaca a natureza multifacetada do mundo digital e concebe o ciberespaço não apenas como um espaço tecnológico, mas como um ambiente social dinâmico e complexo onde ocorrem interações humanas significativas.

Este trabalho é um relato de experiência e tem como objetivo socializar as reflexões e sistematizações feitas em torno das experiências provenientes de treze anos de atuação como docente na Rede Estadual de Ensino da Bahia, na disciplina Filosofia. Esse período é marcado pela crescente inserção das tecnologias digitais na Educação, pelas repercussões da pandemia de Covid-19, e pela implementação do Novo Ensino Médio. Esta produção tem por objetivo, socializar as reflexões e sistematizações feitas em torno das experiências como docente da Rede Estadual de Ensino da Bahia, fomentando debates acerca da conexão entre o Ensino de Filosofia e o Ciberespaço na perspectiva docente.

A justificativa desta investigação reside na necessidade de repensar a atuação docente à luz das novas exigências postas pela sociedade conectada atual, tendo em vista a importância de analisar as transformações nas práticas pedagógicas provocadas tanto pela inserção das Tecnologias Digitais, quanto pelo estilo de vida atual, é de suma importância. A reflexão acerca dos desafios que emergiram, suas origens e suas implicações para a prática docente, é o cerne deste trabalho, visto que, estes eventos redefiniram o ambiente de Ensino, trazendo tanto oportunidades inovadoras quanto dificuldades, algumas delas recorrentes no panorama educacional.

Metodologicamente, este estudo se baseia em uma abordagem qualitativa, centrada na experiência docente e na observação participativa, com o intuito de captar as nuances das mudanças pedagógicas e suas repercussões práticas, revelando tanto aspectos positivos, como a utilização de recursos como: plataformas online, bibliotecas digitais e ferramentas interativas, quanto negativos, como as limitações, especialmente no que se

refere ao porte e domínio das Tecnologias Digitais e ao desenvolvimento de metodologias que envolvam os (as) estudantes.

A inserção das Tecnologias Digitais na educação brasileira tem sido um processo gradual, mas profundamente impactado por eventos recentes, como a pandemia de Covid-19 e a implementação do Novo Ensino Médio, exigindo uma adaptação rápida e criativa às novas demandas pedagógicas. Ribeiro (2017) oferece uma definição clara e concisa do que constitui a Tecnologia Digital:

Tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem ou dado em números [...]. Uma imagem, um som, um texto, ou a convergência de todos eles, que aparecem para nós na forma final da tela de um dispositivo digital na linguagem que conhecemos [...] são traduzidos em números, que são lidos por dispositivos variados, que podemos chamar, genericamente, de computadores. [...] Nesse sentido, *tablets* e celulares são microcomputadores. (RIBEIRO, 2017, p. 1)

No contexto educacional, a definição das Tecnologias Digitais, sublinha sua potencialidade como ferramentas pedagógicas versáteis. Compreender que dispositivos como tablets e smartphones são microcomputadores abre caminho para explorar suas funcionalidades além do uso cotidiano, incorporando-os de maneira estratégica no processo de ensino-aprendizagem.

O ciberespaço oferece um terreno fértil para a reinvenção das práticas pedagógicas, desde que abordado com intencionalidade crítica e ética. Esta produção tem o potencial de não apenas impactar positivamente a prática educacional, como também de contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico, suscitando os (as) docentes para enfrentar os novos velhos desafios do mundo contemporâneo.

PROCEDIMENTO PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS DO RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

“Aprender a aprender e saber pensar para intervir de modo inovador” (Demo, 1997. p. 9). Intencionalmente iniciarei o tópico da metodologia com essa citação, tendo em vista que a pesquisa científica é um processo de investigação em constante evolução, que envolve a desconstrução, construção e reconstrução contínuas do conhecimento.

Em consonância com o objetivo de socializar as reflexões e sistematizações feitas em torno das experiências como docente da Rede Estadual de Ensino da Bahia, metodologicamente, esta produção se baseia em uma abordagem qualitativa, do tipo

relato de experiência e na observação participativa. A interpretação dos dados descenderá na forma de reflexões pessoais e profissionais, destacando as lições aprendidas e as implicações para a prática educativa. com o intuito de captar as nuances das mudanças pedagógicas e suas repercussões práticas.

A abordagem metodológica qualitativa, valoriza a profundidade e a riqueza das experiências individuais, ao proporcionar uma análise sobre a influência do ciberespaço na prática docente. Conforme concebe Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam a realidade humano-social, buscando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Complementando a abordagem qualitativa, o relato de experiência oferece uma estrutura metodológica que valoriza a profundidade, a subjetividade e a contextualização das experiências educacionais. Ambos permitem uma exploração detalhada e reflexiva das práticas pedagógicas, proporcionando insights valiosos para o desenvolvimento da Educação, especialmente em contextos complexos como o ciberespaço.

A esse respeito, o Relato de Experiência é um texto científico que apresenta características narrativas, descritivas e reflexivas a respeito de uma experiência vivenciada, onde o (a) autor (a) descreve e reflete sobre uma experiência ou vivência profissional, seja ela bem sucedida ou não. Nesse sentido, o relato de experiência é um conhecimento que se transmite com aporte científico. Por isso, o texto deve ser produzido em 1ª pessoa de forma subjetiva e detalhada. (Grollmus; Tarrês, 2015).

Este relato tem como base a observação participante, que refere-se, portanto, a uma estratégia de pesquisa na qual o observador e os observados encontram-se em uma relação de interação que ocorre no ambiente de trabalho dos observados. Estes passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que contribuem para o estudo (Serva e Jaime Júnior, 1995).

A interpretação dos dados em um relato de experiência, especialmente no contexto educacional, vai além da mera descrição dos acontecimentos; ela envolve uma análise crítica e reflexiva das vivências do docente, com foco nas lições aprendidas e nas implicações para a prática educativa.

A metodologia adotada visa captar a complexidade das experiências docentes no contexto do ciberespaço, combinando observação direta e uma análise reflexiva da prática pedagógica. O estudo seguirá um percurso metodológico estruturado a partir do levantamento e análise de literatura especializada em ciberespaço, educação digital,

práticas pedagógicas no Ensino Médio e o relato das observações da autora, quanto aos desafios da docência no contexto virtual.

REFERENCIAL TEÓRICO

O tema do ciberespaço como um marco filosófico no contexto educacional tem sido pauta de discussão na literatura acadêmica, especialmente com o crescimento da digitalização e a introdução das Tecnologias Digitais nas práticas pedagógicas. Estudos têm explorado como o ciberespaço redefine os conceitos tradicionais de espaço e tempo no processo educacional, permitindo uma Educação mais flexível e acessível. Filósofos como Pierre Lévy, Manuel Castells e Santaella têm discutido a natureza do ciberespaço como uma rede de conhecimentos, destacando sua capacidade de transformar a maneira como o ensino é estruturado.

Lévy é uma referência fundamental, por suas obras sobre ciberespaço e a inteligência coletiva, ao discutir sobre o ciberespaço como um espaço de inteligência coletiva. Em "Cibercultura" (1999) explora como o ciberespaço transforma a maneira como as pessoas pensam, comunicam e organizam o conhecimento.

Outro autor importante no campo da Educação Digital. Castells, em sua obra "A Sociedade em Rede" (1999), aborda a natureza das redes digitais e seu impacto na sociedade, incluindo o campo educacional, e como essas redes reconfiguram as relações de poder e conhecimento. Aponta para a necessidade de adaptar os sistemas educacionais às novas realidades digitais, sugerindo que a educação deve se focar em preparar os alunos para serem participantes ativos na sociedade em rede.

Santaella, em sua obra: " Da cultura das mídias à cibercultura " (2003), explora as mudanças trazidas pelo ciberespaço e suas implicações para a educação, discutindo como o ambiente digital redefine as práticas educativas.

Embora Lévy, Castells, e Santaella compartilhem a visão de que o ciberespaço e as redes digitais transformam profundamente a sociedade e a educação, eles abordam o tema a partir de perspectivas complementares. Lévy enfatiza a inteligência coletiva, Castells foca nas redes de poder e na necessidade de adaptação educacional, e Santaella explora como essas mudanças culturais afetam diretamente as práticas pedagógicas. A principal discordância está na ênfase específica de cada autor, mas todos concordam que a Educação deve evoluir para preparar os indivíduos para a realidade complexa e interconectada do ciberespaço.

Nesse contexto, olhar para as práticas docente, sob as lentes filosóficas, a partir do ciberespaço, é de suma importância. A resistência à mudança e a falta de formação adequada são frequentemente citadas como barreiras significativas.

Nessa direção, Moran, em "A Educação que Desejamos" (2007), discute as mudanças nas práticas pedagógicas com a integração das tecnologias no Ensino. Propõe que a Educação deve ser cada vez mais híbrida, combinando o presencial e o digital para alcançar uma aprendizagem mais ativa e significativa. Enquanto, Paulo Freire, com uma abordagem crítica e emancipatória, que pode ser aplicada no contexto digital para promover uma educação mais participativa e conscientizadora, destaca a importância de formar indivíduos críticos e conscientes, algo que se torna ainda mais relevante no ciberespaço, em sua obra "Pedagogia da Autonomia" (1996).

Kenski explora os desafios da docência no ambiente digital, apontando a necessidade de formação continuada dos professores para lidar com as tecnologias. Em "Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação" (2012), eles discutem como a docência precisa se adaptar às novas demandas, como o domínio das tecnologias, a mediação do conhecimento e a gestão da sobrecarga informacional. Enquanto que, Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos e Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos em "Educação e Tecnologias Digitais: desafios e perspectivas" (2019) ressalta as dificuldades enfrentadas pelos professores, especialmente a falta de infraestrutura adequada, a necessidade de políticas públicas que incentivem o uso de tecnologias e a formação docente específica para o ensino digital.

A pandemia de Covid-19 gerou um aumento nas pesquisas sobre ensino remoto, com foco em como o ciberespaço pode ser utilizado para manter a qualidade educacional em tempos de crise. Apesar de já existir uma tendência na literatura em explorar como essas tecnologias podem ser integradas ao ensino, tanto para personalizar a aprendizagem quanto para apoiar os professores nas atividades pedagógicas, há necessidade de mais pesquisas que abordem como as tecnologias digitais impactam a subjetividade de estudantes e a construção de valores no ambiente educacional, no tocante as desigualdades digitais, assim como, avaliações empíricas sistemáticas sobre a eficácia dessas abordagens no Ensino Médio.

Ainda que, o ciberespaço ofereça uma vasta gama de informações, podendo ser utilizado para inovar as práticas pedagógicas, introduzindo métodos de ensino mais interativos e personalizados, também proporciona preocupações sobre privacidade e a ética do uso de dados no contexto educacional digital. Helen Nissenbaum (2010), por

exemplo, desenvolveu a teoria da integridade contextual, que aborda como a privacidade deve ser entendida em contextos específicos, como o ambiente educacional digital.

A diferença no acesso à tecnologia e à internet entre estudantes de diferentes realidades socioeconômicas é um problema persistente. Essa desigualdade pode perpetuar disparidades educacionais. Em "Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação" (2012), Kenski discute os impactos sociais e éticos das tecnologias no ambiente educacional, incluindo questões de inclusão digital e a ética no uso de dados educacionais. Embora Freire não tenha escrito especificamente sobre ciberespaço, sua obra "Pedagogia do Oprimido" (1987) é frequentemente usada como base para discussões sobre a inclusão digital e a emancipação através do acesso ao conhecimento, temas que são fundamentais para a educação no ciberespaço.

Em síntese, a prática docente enfrenta uma dicotomia ao utilizar o ciberespaço no processo de Ensino e aprendizagem: por um lado, há o potencial de explorar plataformas digitais para simulações, debates online e acesso a uma ampla gama de recursos educativos; por outro, persiste o desafio de garantir aprendizagens significativas e profundas, evitando a fragmentação da atenção dos estudantes e a superficialidade na reflexão crítica, constituindo-se um desafio central para os educadores que buscam promover a profundidade do pensamento filosófico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos últimos treze anos que dediquei ao ensino de Filosofia na Rede Estadual de Ensino da Bahia, presenciei uma verdadeira metamorfose no ambiente educacional. Antes, o quadro negro e os livros físicos eram nossos únicos aliados; hoje, navegamos por plataformas digitais, utilizamos bibliotecas virtuais e criamos experiências de aprendizado interativas.

È importante ressaltar que a quantidade de recursos tecnológicos oferecidos pela escola não foi e ainda não é suficiente para atender a demanda. Muitos dos recursos tecnológicos tem origem particular, tanto por parte do corpo docente como discente, uma realidade completamente distinta das escolas particulares.

Contudo, a verdadeira revolução no uso de tecnologias educacionais e ambientes virtuais de aprendizagem, ocorreu com a chegada da pandemia de Covid-19, que acelerou essa transformação, empurrando-nos para o ensino remoto de uma forma abrupta e

inesperada. Como muitos de meus colegas, tive que reinventar minhas metodologias quase da noite para o dia.

Nesse período, as plataformas de videoconferência, os grupos de discussão online e os recursos digitais interativos passaram a ser ferramentas indispensáveis. No entanto, a transição para o ensino remoto também evidenciou desigualdades no acesso às tecnologias e dificuldades em manter a motivação dos (as) estudantes em ambientes virtuais. A Filosofia, tradicionalmente ensinada através de debates presenciais e leituras conjuntas, precisou ser transposta para ambientes virtuais, onde a interação e o engajamento dos (as) estudantes se tornaram-se grandes desafios.

Lembro-me claramente do silêncio nas aulas virtuais, onde, por vezes, parecia que eu falava apenas para o vazio. Perguntas ficavam sem resposta, câmeras permaneciam desligadas, e o feedback dos(as) estudantes se resumia a silêncios desconcertantes. Este novo formato de ensino não apenas revelou a lacuna tecnológica que existe entre nossas escolas públicas e as particulares, mas também trouxe à tona a necessidade de métodos mais inclusivos e adaptativos.. No retorno as aulas presenciais, nos primeiros contatos questionei os(as) mesmos (as), porque eles (as) não ligavam as câmeras, ou respondiam as indagações, nem ao menos deslogavam –se das aulas. E as respostas que obtive foram: “eu estava dormindo, professora”; “não estava próximo ao celular”; “estava fazendo outras tarefas e nem percebi o término da aula”.

Ao abordar a questão do porte e do domínio em contraste com o acesso de qualidade às tecnologias digitais, é fundamental. No entanto, na realidade das escolas públicas, muitos educadores e educandos ainda enfrentam dificuldades em garantir esse porte e domínio devido a limitações financeiras e sociais, que resultam em um acesso desigual às tecnologias.

Os recursos tecnológicos, aos quais as escolas públicas dispõem não são suficientes para atender toda sua demanda. A escola onde leciono é considerada de porte especial, contando com mais de um mil e quatrocentos estudantes matriculados, no entanto, não temos sinal de internet de qualidade, com pouca viabilidade para realizar atividades síncronas. O laboratório de informática conta apenas com doze computadores, sendo que há de 35 a 43 estudantes por turma. Só após o período de pandemia as salas de aula foram equipadas com Projetores multimídia.

O Estado da Bahia neste ano de 2024, disponibilizou especificadamente só para os (as) estudantes do 2º série do Ensino Médio, tablets para uso pedagógico pessoal. Reconheço como uma excelente iniciativa, não fosse o fato de ter excluído os (as)

estudantes do 1º e 3º ano, e o fato da escola não dispor de um sinal de internet que atenda às necessidades pedagógicas e não somente as administrativas.

O acesso de qualidade vai além de simplesmente ter acesso a dispositivos digitais. Ele envolve a disponibilidade de uma conexão estável à internet, acesso a plataformas educacionais de qualidade, e a formação continuada de docentes para usar essas ferramentas de forma eficaz em sala de aula. Vale ressaltar, que a secretaria de Educação do estado da Bahia, só ofereceu uma formação continuada para seus (as) docentes no ano de 2023. Até então, foram realizadas várias oficinas e tutorias, na escola na qual trabalho, pelos próprios(as) professores (as), (aqueles que tinham mais facilidade no uso das Tecnologias digitais, ministravam para os(as) demais), no intuito de aprender a interagir com tais aplicativos. Iniciativa particular nossa.

Esta desigualdade no acesso e domínio de qualidade impacta diretamente a experiência educacional, criando um ambiente onde nem todos (as) têm as mesmas oportunidades de aprendizagem. Esse cenário que exige uma constante adaptação das estratégias pedagógicas, buscando formas de incluir todos (as) os (as) estudantes, independentemente de suas condições tecnológicas, para garantir uma educação mais equitativa e significativa.

Com a implementação do Novo Ensino Médio, flexibilizou-se o currículo e o papel do ciberespaço na Educação se tornou ainda mais relevante. O Novo Ensino Médio propõe um ensino mais conectado com as realidades e interesses dos (as) estudantes, o que inclui a integração de tecnologias digitais como meio para explorar temas contemporâneos e estimular o pensamento crítico.

Como professora de Filosofia, essa reforma curricular me desafiou a encontrar maneiras inovadoras de conectar os conteúdos filosóficos às vivências digitais dos (as) estudantes. Sua utilização me permitiu criar atividades interativas que relacionam conceitos filosóficos com questões atuais do ciberespaço, como a ética nas redes sociais, a privacidade online e a identidade digital. Essa abordagem não apenas torna o ensino mais atraente e relevante para os (as) estudantes, como também os(as) prepara para refletir criticamente sobre o papel da tecnologias digitais em suas vidas.

Os desafios enfrentados durante a pandemia e com a implementação do Novo Ensino Médio destacam a importância de uma formação continuada e de suporte adequado para os professores. Por outro lado, as oportunidades criadas por essas mudanças são imensas, com recursos para tornar o ensino de Filosofia mais dinâmico e

acessível, permitindo uma maior personalização das atividades e a exploração de temas filosóficos através de diferentes mídias.

A experiência de ensinar Filosofia no Ensino Médio, em um contexto marcado pela pandemia e pela reforma curricular, tem sido desafiadora, mas, por outro lado, extremamente enriquecedora. Ao enfrentar esses desafios, aprendi a valorizar as tecnologias digitais não apenas como ferramentas auxiliares, mas como elementos centrais na construção de um ensino mais engajador e relevante para os (as) estudantes. Essa experiência destaca a necessidade de continuarmos explorando e integrando o ciberespaço de forma crítica e criativa, preparando os (as) estudantes para os desafios de um mundo cada vez mais digital e interconectado.

No entanto, mesmo diante dessas adversidades, o ciberespaço abriu portas para novas formas de engajamento. Dentre as inúmeras possibilidades, podemos criar debates filosóficos online, explorar questões éticas sobre privacidade e identidade digital, e usar recursos multimídia para tornar os conceitos filosóficos mais acessíveis e relevantes para os estudantes. As tecnologias, que antes eram vistas como um complemento, agora se tornaram centrais em nosso processo de ensino.

Diante desse panorama, é crucial que aos (as) docentes sejam disponibilizados formações continuadas e aparelhos tecnológicos, para que possam se manter atualizados(as) e atuantes em relação às novas tecnologias e às suas aplicações pedagógicas, tornando possível e mais eficaz a utilização de metodologias ativas que incentivem a participação dos (as) estudantes, como a aprendizagem baseada em projetos, ou complementar as leituras filosóficas tradicionais, como vídeos, podcasts e debates online que contextualizem os temas estudados.

Ao refletir sobre a construção do conhecimento filosófico no ciberespaço, é importante reconhecer que o ciberespaço não deve ser visto apenas como um meio, mas como um ambiente que transforma as próprias condições de produção e disseminação do conhecimento. O acesso imediato a uma vastidão de informações exige dos (as) estudantes habilidades críticas para discernir, avaliar e questionar o que encontram, habilidades essas que estão no cerne da Filosofia. Portanto, as estratégias pedagógicas devem buscar não apenas a transmissão de conhecimento, mas também o desenvolvimento dessas habilidades críticas, capacitando os (as) estudantes a navegar de forma ética e reflexiva pelo ciberespaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada de ensinar Filosofia no ciberespaço é, sem dúvida, uma aventura repleta de desafios e descobertas. Não se trata apenas de adaptar-se a novas ferramentas, mas de repensar o próprio papel da educação na era digital. Precisamos ser mais do que facilitadores de conhecimento; devemos ser guias no vasto oceano de informações que caracteriza o mundo contemporâneo.

Este relato busca lançar luz sobre as complexidades e os dilemas enfrentados por nós, docentes, ao integrar o ciberespaço em nossas práticas pedagógicas. Ele também serve como um chamado para a ação: para que continuemos a explorar, adaptar e inovar, garantindo que nossos(as) estudantes estejam preparados para os desafios de um mundo cada vez mais interconectado. Precisamos de uma educação que não apenas transmita conhecimento, mas que forme cidadãos críticos e conscientes, capazes de navegar com ética e responsabilidade no vasto mundo digital que os espera.

Ao dialogar sobre as relações entre ciberespaço, pedagogia e a construção do conhecimento filosófico, alcança-se o objetivo desta produção, proporcionando uma visão crítica e aprofundada dos desafios e oportunidades trazidos pelo ciberespaço. Buscou-se não apenas evidenciar os desafios enfrentados pelos(as) docentes, como também propor estratégias eficazes para abordá-los. Assim, a reflexão sobre essas interações tem o predicativo de colaborar significativamente para o aprimoramento da Educação e o desenvolvimento profissional dos(as) docentes, promovendo uma prática pedagógica adaptada às demandas do mundo contemporâneo.

A relevância desta produção está na sua capacidade de iluminar as complexidades do ensino no contexto digital, promovendo uma prática pedagógica mais consciente e adaptada às demandas contemporâneas. Sugere-se que outras pesquisas aprofundem a reflexão ética sobre o uso do ciberespaço na educação, abordando questões como a privacidade, a inclusão digital e o impacto das tecnologias na subjetividade dos estudantes. Além disso, é fundamental continuar explorando estratégias pedagógicas que possam integrar as Tecnologias Digitais de maneira crítica, garantindo que a profundidade do pensamento filosófico não seja comprometida em meio às novas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento:** metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p.9.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo – SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17º ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra 1987.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. **Relatos metodológicos:** difractando experiências narrativas de investigación. Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em:< [file:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias:** O novo ritmo da informação. Campinas – SP. Editora Papirus, 2012.

LÈVY, Pierre (1998). **A inteligência coletiva por uma antropologia do ciberespaço** (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Loyola. (Trabalho original publicado em 1997).

LÈVY, Pierre. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Ed. 34 Ltda, 1999.

MORRAN. José Manuel. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. Campinas – SP. Papirus. 2º ed. 2007.

NISSENBAUM, Helen. **Privacy in Context.** Technology, Policy, and the Integrity of Social Life. Stanford, EUA: Stanford University Press, 2010, passim

Epa! Vimos que você copiou o texto. Sem problemas, desde que cite o link: <https://www.migalhas.com.br/coluna/migalhas-de-protecao-de-dados/357252/as-novas-abordagens-da-privacidade-contextos-tipos-e-dimensoes>

RIBEIRO, Ana Elisa. Tecnologia Digital. **Glossário Ceale.** Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital>> Acesso em 12 jul. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura:** o advento do pós-humano. Revista Famecos, n. 22: Porto Alegre, 2003.

SERVA, M; JAIME JÚNIOR, P. **Observação participante e pesquisa em administração:** uma postura antropológica. RAE- Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 64-79, 1995.

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa, VASCONCELOS, Thamires Nayara Sousa. **Educação e Tecnologias:** Experiências, Desafios e Perspectivas. Atena, 2019.